

MÍDIA, TRABALHO INFANTO-JUVENIL E ESPORTE: INTER-RELAÇÕES COM A SAÚDE

MEDIA CHILD LABOR AND SPORTS: INTER-RELATIONS WITH HEALTH

Nara Rejane Cruz de Oliveira¹, Marcelo Pereira de Andrade², Sandro Rodrigues dos Santos³

¹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do curso de Educação Física do Centro Universitário Padre Anchieta, Jundiaí, SP

² Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de São João del-Rei, MG.

³ Mestre em Saúde da criança e do adolescente pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do curso de Educação Física do Centro Universitário Anchieta, Jundiaí, SP.

Autor responsável:

Nara Rejane Cruz de Oliveira. e-mail: nararejane@terra.com.br

Palavras chave: mídia, trabalho infanto-juvenil, esporte, saúde

Keywords: media, child labor, sports, health

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir os temas mídia, trabalho infantil e esporte em suas inter-relações com a saúde. Na atualidade, o trabalho infanto-juvenil é um assunto que vem recebendo atenção constante da mídia, assim como as questões relacionadas à saúde deste público. Nesse sentido, questiona-se o discurso da mídia a respeito de crianças e adolescentes atletas, considerando o treinamento esportivo precoce também uma forma de exploração do trabalho infantil e causador de inúmeros problemas de saúde.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the following themes: media, child labor, and sports in your inter-relations with health. Currently, child labor is a subject that has been given constant attention by the media just as much as issues related to the public health. In this sense we question the media's speech about the children and teenage athletes, considering the early-age sport's training, another type of child labor and cause of many health problems.

INTRODUÇÃO

A década de 1980 pode ser considerada um marco no início de discussões mais assertivas a respeito das condições de vida de crianças e adolescentes em situação de extrema pobreza e exclusão social, principalmente nos países subdesenvolvidos.

A partir desse período, a mídia internacional e nacional passou a veicular constantes denúncias sobre as dramáticas condições de vida dessas crianças e adolescentes (Rosemberg, 1993; Andrade, 2004; Andrade, 2005). Um dos fatos que chamou a atenção da mídia e motivou essas denúncias foi a celebração do Ano Internacional da Criança, em 1979, o que pode ter favorecido ainda a mobilização e criação de propostas que deveriam atender aos interesses das crianças (Barbetta, 1993). Desde então, temas ligados às crianças e adolescentes pobres (“meninos de rua¹”, prostituição infanto-juvenil, trabalho infanto-juvenil) ganharam espaço na mídia brasileira.

O interesse deste artigo é discutir os temas mídia, trabalho infanto-juvenil (assumido pela mídia brasileira como cruzada a partir da segunda metade da década 1990, contra a exploração de crianças e adolescentes) e esporte em suas inter-relações com a saúde.

Neste contexto, é preciso questionar inicialmente como todo tipo de trabalho desenvolvido por crianças e adolescentes foi entendido pela mídia e especialistas do assunto como “exploração do trabalho infanto-juvenil”, portanto, compreendido como “crime” (Freitas, 2004). Mesmo as atividades desenvolvidas por crianças em seus lares passaram a ser vistas como exploração, por extensão, suas famílias foram entendidas como irresponsáveis e culpadas por tal situação. O que demonstra uma visão simplista e desprovida de análise profunda da realidade social.

Um mote muito utilizado pela mídia foi: “lugar de criança é na escola”. No entanto, não houve a reflexão sobre algumas questões, tais como:

- 1) As crianças e adolescentes que ajudam suas famílias em tarefas domésticas, ou mesmo nas hortas familiares estão nas mesmas condições de crianças que são exploradas em carvoarias, por exemplo?
- 2) Por que as crianças e adolescentes ajudam suas famílias? E se deixarem de ajudar, o que pode ocorrer?
- 3) Por que os empresários ou as indústrias que exploram o trabalho infanto-juvenil não são visíveis na mídia?

¹Essa é uma expressão utilizada no senso comum, que ao invés de contribuir para o entendimento de quem são as crianças e adolescentes em situação de rua, estigmatiza os mesmos. Sua utilização neste trabalho é apenas para identificar a categoria que chama o interesse da mídia e sociedade.

- 4) Que escola é essa que muitos querem que as crianças frequentem? São as que se conhecem, oferecedoras de um ensino pobre para pessoas pobres?

É preciso deixar claro que não se defende aqui a exploração do trabalho infanto-juvenil, ao contrário. As perguntas são muitas, porém, é perceptível que o olhar da mídia para fenômenos distintos é idêntico, favorecendo o argumento de que a produção midiática é contraditória em relação ao tema trabalho infanto-juvenil, especialmente quando associado ao esporte e à saúde, foco dessa revisão.

Dessa forma, questiona-se o discurso da mídia a respeito das crianças e adolescentes atletas, pois não seria o treinamento esportivo aplicado aos mesmos também uma forma de exploração do trabalho infanto-juvenil? Por que a mídia o valoriza, entendendo-o como meio de salvar esse público (e por extensão suas famílias) das ruas, da miséria, da criminalidade, dos problemas de saúde, dentre outros?

Em 1997, o UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) estabeleceu que o trabalho infanto-juvenil adquire características de exploração quando envolve: atividade em período integral, quando a criança ainda é muito jovem; muitas horas de atividade; atividade que provoque excessivo estresse físico, emocional ou psicológico; atividade e vida nas ruas em más condições; remuneração inadequada; responsabilidade excessiva; atividade que impeça o acesso à educação; atividade que comprometa a dignidade e a auto-estima da criança, como escravidão ou trabalho servil e exploração sexual; atividade prejudicial ao pleno desenvolvimento psicológico (Silva, 2000).

Observando as características e consequências do treinamento esportivo precoce, é possível associá-lo à exploração do trabalho infanto-juvenil, no contexto da classificação do UNICEF. Estudos contemporâneos têm apontado que o treinamento esportivo está longe de contribuir para a saúde, especialmente quando este ocorre precocemente (Galdino, 2000; Personne, 2001; Nunomura e Tsukamoto, 2003; Mira, 2003). Entretanto, a mídia constrói e apresenta este discurso contraditório, fundamentada ora no senso comum, ora em especialistas da comunidade acadêmica que ainda defendem a idéia.

DISCUSSÃO

O interesse da mídia pela criança e adolescente

O interesse da mídia pelos problemas que afetam a população infanto-juvenil não é tão recente: o combate aos abusos e às injustiças sociais foi um compromisso assumido por um grande número de editores na Inglaterra, ainda ao final do século XIX, que para tal ação, usavam seus jornais sem receio. Temas relacionados à prostituição e às doenças venéreas

foram divulgados pelos jornais britânicos naquele período, visando mudanças na legislação (Thompson, 2002).

Diferentes abordagens que associam mídia, crianças e adolescentes têm sido pesquisadas na última década, tais como: trabalhadores vinculados à mídia; clientes da mídia; produtores de mídia; sujeitos de investigação realizada ou envolvendo a mídia; depoentes ou entrevistados pela mídia; público da mídia educacional; dentre outras. Cada um destes enfoques abre um grande leque de temas, pesquisados academicamente em diferentes áreas do conhecimento e com diversas ênfases, especialmente no que diz respeito à imagem de crianças e adolescentes na mídia, sua atuação como público/clientela e como produtores (Freitas, 2004).

Porém, é perceptível que o tema trabalho infanto-juvenil, com enfoque crítico na participação de crianças e adolescentes no mercado de trabalho midiático, pouco tem aparecido na mídia. Apesar da falta de um olhar interno da mídia para a questão, órgãos multilaterais como a Organização Mundial do Trabalho, através da recomendação nº 190, de 1999, têm destacado a mídia como um dos principais atores a serem acionados para a erradicação do trabalho infanto-juvenil (Freitas, 2004). Nessa linha de raciocínio, percebe-se que, assim como as crianças que trabalham na mídia (atores mirins, modelos etc.), crianças e adolescentes atletas não são abordados pela mídia como trabalhadores infanto-juvenis. Neste trabalho, a modalidade esportiva “Ginástica Artística” é tomada como exemplo.

As argumentações da mídia para que crianças e adolescentes não trabalhem, inclusive com suas famílias, são muitas. Podemos destacar as necessidades: da criança ser criança; das crianças e adolescentes conviverem com seus pares pela importância das relações sócio-afetivas; do desenvolvimento físico (maturacional); de preservação da saúde, dentre outras. Mas, crianças e adolescentes que treinam precocemente não correm o risco de perder tudo isso?

Entretanto, a mídia tem noticiado constantemente nos últimos anos, fatos relacionados às realizações da ginástica competitiva brasileira, especialmente a Ginástica Artística feminina. O que pode ser associado às conquistas de títulos por atletas como Daniele Hypólito e Daiane dos Santos, destaques desta modalidade em competições internacionais a partir do ano de 2001, e, mais recentemente a adolescente Jade Barbosa, todas com passagens pela seleção brasileira. As histórias destas atletas foram (re)construídas pela mídia, destacando-as como meninas inocentes, determinadas, esforçadas, com recursos de narrativas emocionantes nos quais foram intituladas meninas do Brasil ou pequenas notáveis. Um exemplo disso foi a história de vida da ginasta Jade Barbosa, amplamente explorada pela mídia no auge de seu

sucesso: a de menina órfã que encontrou na dedicação ao esporte forças para superar a perda da mãe.

Um dos recursos utilizados pela mídia ao tratar crianças e adolescentes como vítimas ou como criminosos é associá-los com a pouca idade, isto é, quanto mais novos forem, maior pode ser o impacto da notícia. Por exemplo: 1) quando as matérias tratam da prostituição infanto-juvenil, mesmo que a personagem da matéria seja uma adolescente, o recurso é dizer há quanto tempo ela está na prostituição, isto é, se ela entrou para a prostituição ainda criança – quase sempre a idade é bastante baixa; 2) o mesmo ocorre em relação aos “meninos de rua”, visto que as matérias frequentemente fazem menção ao tempo em que eles estão na rua (Andrade, 2005).

No caso dos atletas mirins e adolescentes, parece que o efeito é contrário ao do choque sensacionalista (aquele que pode gerar revolta no público). Quando a mídia se refere ao período de treinamento destes, seu discurso é de valorização das atividades, da concentração exigida nos treinamentos, das várias horas de treino diário, bem como das abdições feitas em nome do desempenho esportivo. No caso das ginastas mencionadas, no auge de suas carreiras, quase sempre apareceram nas entrevistas perguntas relacionadas a quantos anos de treinamento e quantidade de horas diárias destinadas a tal atividade, suas lesões (quantidade e a gravidade das mesmas). Um exemplo é a entrevista concedida à Revista Olimpíadas por Daiane dos Santos e Daniele Hypólito, ocasião em que as atletas estavam às vésperas de participar dos Jogos Olímpicos de Atenas como representantes da seleção brasileira. A matéria buscou valorizar o discurso de ambas sobre os grandes sacrifícios em prol do esporte, como as sete horas de treinamento diários, as dietas, os padrões rígidos de treinamento desde a infância, a falta de contato com amigos, família, namorados, tudo em prol da possibilidade de conquistar o pódio e a “imortalidade” no esporte (Revista Olimpíadas, 2004). Seguindo a mesma linha, outro exemplo mais recente foi a ênfase dada pela mídia à atleta Jade Barbosa, por ocasião dos Jogos Pan-americanos de 2007 no Brasil e dos Jogos Olímpicos de 2008 na China, período em que a ginasta, então integrante da seleção brasileira, era considerada uma das esperanças para a conquista de medalhas na modalidade.

Saúde da criança e do adolescente, esporte e a contradição da produção midiática

A Organização Mundial da Saúde (OMS), desde a década de 1940, vem definindo saúde como um estado completo de bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade (World Health Organization, 2007). Ainda que esse conceito seja bastante abrangente, é preciso considerar que, em uma sociedade repleta de desigualdades e injustiça social torna-se quase impossível alcançar a saúde em sua plenitude.

Estudos contemporâneos demonstram que a saúde vai mais além, pois pode ser considerada resultado das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra, bem como, acesso aos serviços de saúde. Nesse sentido, é imprescindível considerá-la resultado das formas de organização social da produção, que têm gerado historicamente grandes desigualdades nos níveis de vida (Palma, 2000).

Apesar destas questões presentes em estudos mais recentes, além do próprio conceito da OMS, parece haver ainda no imaginário da sociedade uma visão estreita de saúde, do tipo senso comum, que ainda a vincula meramente à ausência de doenças, desconsiderando o contexto socioeconômico (Palma, 2001). Um rompimento com o enfoque hegemônico de saúde (que a considera responsabilidade individual e não coletiva) pode ser enunciado considerando de imediato a saúde como direito à cidadania (Palma, 2000).

Nesse contexto, reporta-se novamente à defesa contraditória do esporte de alto rendimento e atletas infanto-juvenis feita pela mídia e mesmo por alguns especialistas da área, visto que muitos técnicos visam apenas a detecção e seleção de talentos esportivos, sem maiores preocupações com a criança e adolescente. Que tipo de cidadania estaria garantida aos atletas infanto-juvenis, se o treinamento esportivo precoce pode causar danos à saúde?

No caso da Ginástica Artística, especialmente a feminina, é perceptível que atrás do suposto “glamour” estão escondidas histórias de sofrimento, dor e atentados constantes à integridade física e emocional de crianças e adolescentes, que geralmente treinam desde a primeira infância, inclusive, respaldadas não só pela mídia, mas por especialistas da área. Um exemplo é o estudo de João et al (1999), que trata a Ginástica Artística como um esporte que exige muito do atleta em relação à aquisição de habilidades motoras. Para estes autores, quando associada ao desempenho esportivo e a competição, é fundamental que a prática comece desde cedo, pois, devido à variedade de aparelhos e à complexidade dos exercícios, esse esporte exige um sistema de preparação em longo prazo, que se inicia em torno dos cinco anos. Nesse sentido, o estudo aponta que as atletas da linha de competição têm por objetivo atingir a performance máxima, em busca de resultados em competições internacionais, devendo para isso submeter-se a treinamentos rigorosos, dedicando grande parte de suas vidas a essas metas. Ainda que este artigo tenha sido produzido há pouco mais de uma década, idéias como essas continuam presentes na área esportiva, respaldadas pela mídia e grande parte da sociedade. Entretanto, é preciso observar que os treinamentos rigorosos desde a primeira infância geram, inclusive, “aposentadorias precoces” e grandes danos, não somente físicos, mas psicológicos aos pequenos atletas.

Por outro lado, é importante salientar que a realização de atividades motoras por crianças e adolescentes pode contribuir significativamente com o processo de desenvolvimento destes. A infância e adolescência são períodos singulares de desenvolvimento, nos quais as dimensões afetivas, cognitivas e motoras precisam ser tratadas indissociavelmente (Santos, 2010). Assim, as atividades motoras devem ser adequadamente oferecidas respeitando as características do desenvolvimento.

Destaca-se a importância da treinabilidade das capacidades físicas e sistemas de energia associados à especificidade da modalidade como fator preponderante para a melhora do rendimento esportivo (Gomes e Pereira, 1995). Em relação à Ginástica Artística, prioriza-se essencialmente as capacidades físicas de flexibilidade, coordenação e força, principalmente a explosiva, e, em relação aos sistemas de energia, principalmente o anaeróbico alático e anaeróbico láctico, devido a movimentos como os saltos acrobáticos e ao tempo curto de duração das provas, respectivamente.

Nesse sentido, o treinamento de força não é indicado durante a fase pré-escolar e escolar (3 aos 10 anos), e, durante a pubescência (11 aos 14 anos) deve-se tomar cuidado excessivo com cargas erradas e de duração unilateral. O treinamento contra-resistido deve ser iniciado aproximadamente em torno dos 14 anos, considerando os fatores maturacionais (Weineck, 2000). Entretanto, o que se observa na Ginástica Artística de alto rendimento é que, ainda na pubescência, grande parte das atletas atinge o ápice da performance esportiva, fornecendo indícios para afirmar que crianças e adolescentes iniciam o treinamento com sobrecarga excessiva, contrariando os princípios supracitados. Crianças e adolescentes não devem ser vistos como “adultos em miniatura” e expostos ao “treinamento adulto reduzido” (Weineck, 2000). Porém, é perceptível que, na realidade, crianças e adolescentes atletas estão expostos ao treinamento com a finalidade de superação constante dos limites e desempenho esportivo.

Tais práticas e posicionamentos de estudos na área (João et al, 1999) acabam por respaldar também a posição da mídia. Uma reportagem tratando a questão da superação no esporte, veiculada no ano de 2004 pela Revista Pesquisa FAPESP, fazia referência Daiane dos Santos, principal esperança de medalha para a Ginástica Artística na ocasião dos Jogos Olímpicos daquele ano. A reportagem que descreveu seus saltos apontou que a ginasta era a única no mundo capaz de tais movimentos e finalizava afirmando que, ginastas sem a força de perna da atleta saltavam menos e não tinham tempo para executar o duplo twist carpado ou estendido. Apontava ainda que, se a artroscopia que havia feito pouco tempo antes no joelho direito não prejudicasse seu desempenho, Daiane seria o limite humano na ginástica de solo de Atenas (Revista Pesquisa FAPESP, 2004).

Posteriormente, em 2008, outra ginasta esteve sob os olhares da mídia, que enfatizava seu desempenho e ao mesmo tempo uma grave lesão no punho: Jade Barbosa. Inúmeras foram as reportagens que abordaram o assunto, porém, com análise simplista (a exemplo de Kneipp, 2008 e Pombo, 2008).

Em matérias como essas, é perceptível que a saúde abalada das ginastas em decorrência do trabalho (treinamento) foi enfatizada como algo glorioso. Por outro lado, se a saúde de uma criança ou adolescente for comprometida por atividades laborais em outros setores, a mídia veicula a imagem do caos e do descaso da sociedade para com a saúde dos pequenos que são explorados pelo trabalho.

A mídia não pode ser considerada apenas ingênua na produção deste tipo de discurso, pois ela tem acesso aos dados. Um exemplo pode ser visualizado em artigo publicado na Revista Pesquisa FAPESP, intitulado “A dor da vitória ou a vitória da dor”. Nele, o autor confirma que a vida do atleta de alto rendimento é marcada geralmente pela carga excessiva de esforço físico e constante exposição a lesões articulares, ligamentares, musculares e ósseas, resultado de treinos diários com inúmeras repetições de um mesmo movimento, além de saltos e aterrissagens que podem se aproximar de uma tonelada. Em decorrência disso, inchaços, desconforto e dor são elementos freqüentes na vida de um esportista. Na medida em que busca a melhoria contínua de seu desempenho, o esportista de competição ignora os limites de seu organismo, com claros prejuízos para a saúde. Assim, é visível que o esporte de alto rendimento não é saudável nem provoca bem-estar, seja físico ou psicológico (Shlegel, 2004).

Entretanto, o mito do esporte vinculado diretamente à saúde continua imperando, associado à lógica da competitividade imposta aos atletas. O esporte pode ser a melhor ou a pior das coisas, em função de como sua prática é conduzida. Em excesso, revela-se prejudicial ao organismo, causando danos nocivos, cujos efeitos poderão ser sentidos por muitos anos ou talvez a vida toda pelas pessoas afetadas, como comprovam alguns estudos. Dentre estes, destaca-se uma pesquisa desenvolvida na França, sobre o treino físico intenso de crianças e adolescentes. Foram analisadas dezenove ginastas com idades entre oito e dezesseis anos, submetidas a treinamento intensivo em pleno período de crescimento. O resultado foi a detecção de seqüelas de toda ordem nas ginastas: lesões no sistema locomotor, cardiovascular e abalos psíquicos, dentre outras (Personne, 2001).

Não se defende aqui a erradicação do contato com o esporte pelas crianças, ao contrário, elas podem e devem ter contato com modalidades esportivas, desde que estas não lhes sejam prejudiciais. O que se considera grave é o discurso assumido pela mídia e parte dos

profissionais envolvidos com o esporte, defendendo a submissão de crianças e adolescentes às condições abusivas e estressantes do treinamento esportivo e competições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme argumentado ao longo deste trabalho, o discurso da mídia a respeito do trabalho infanto-juvenil e esporte em suas inter-relações com a saúde é contraditório. A mídia, ao mesmo tempo em que assume posição contrária à exploração do trabalho infanto-juvenil, também valoriza crianças e adolescentes atletas.

A proposição ao abordar tal tema foi trazer, à luz da teoria crítica, uma produção que é aceita como verdade absoluta, que adentra a sociedade e comunidade acadêmica sem ao menos ser problematizada, apesar de existir uma literatura no campo da ciência que alerta para aos mais diferentes riscos da exposição de crianças e adolescentes a cargas de treinamento intensivo.

Algo que também chama a atenção é o fato do discurso da produção técnica e especializada do esporte se aproximar da produção midiática com uma narrativa de apelo emocional e sensacionalista. Por exemplo, no trecho final de um artigo sobre detecção de talentos esportivos, grandes esportistas são comparados a grandes talentos clássicos da pintura ou da música (como Chopin ou Brumel) por sua raridade. Em defesa da detecção precoce de talentos esportivos, os autores do referido estudo afirmam que, em cada caso de perda daquele poderia ter sido um grande desportista e não o foi, o dano é irreparável (João et al, 1999).

Apelos como esses não são incomuns na realidade e continuam, em nome do esporte, acobertando danos irreparáveis sofridos por crianças e adolescentes, expropriados de sua liberdade e integridade (tanto física quanto emocional).

Assim, torna-se necessário outro olhar sobre o tema, contra os discursos hegemônicos e (pseudo) unânimes. Esta é uma tarefa que precisa ser assumida, caso contrário, continuarão em voga práticas e discursos inócuos e sensacionalistas, que transformam crianças e adolescentes (abalados física e psicologicamente) em meros produtos da mídia ou dos especialistas do esporte.

REFERÊNCIAS

- Andrade LF. Prostituição Infanto-Juvenil na Mídia - Estigmatização e Ideologia. São Paulo: Ed. EDUC, 2004.
- Andrade MP de. A categoria "meninos de rua" na mídia - Uma interpretação ideológica – São Paulo. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Barbetta A. A saga dos menores e dos educadores na conquista da condição de cidadão - O movimento nacional de meninos/as de rua na década de 80 – São Paulo. 1993. Dissertação

(Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- Freitas RF de. O tema trabalho infante-juvenil na mídia – Uma interpretação ideológica – São Paulo. 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- Galdino ML. Pontos e Contrapontos Acerca da Especialização Precoce nos Esportes. In: Dobranszky IA, Machado AA. Delineamentos da Psicologia do Esporte - Evolução e Aplicação. Campinas: Ed. Tecnograf, 2000. p. 67-85.

- Gomes AC, Pereira NAF. Cross Training - Uma Abordagem Metodológica. Londrina: Ed. Apéf, 1995.

- João AF, Fernandes Filho J, Dantas EHM. Seleção, orientação e detecção de talentos para ginástica olímpica feminina. Rev. Trein. Desp. 4(1): 72-7, 1999.

- Kneipp M. Exames médicos revelam grave lesão no punho direito da ginasta Jade Barbosa. Globo Esporte. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Pequim2008/Noticias/0,,MUL748543-16061,00.html>. [2008 nov.10].

- Mira CM. Exercício Físico e Saúde: da crítica prudente. In: Bagrichevsky, M, Palma, A, Estevão, A. A Saúde em Debate na Educação Física. Blumenau: Ed. Edibes, 2003. p.169-91.

- Pombo CC. Ginástica deixa Laís Souza e Jade Barbosa de molho. Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u456208.shtml>. [2008 out.18].

- Nunomura M, Tsukamoto MH. A idade e as competições de ginástica artística feminina. Rev. Motriz. 9(2): 127-8, 2003.

- Palma A. Atividade física, processo saúde-doença e condições sócio-econômicas - uma revisão da literatura. Rev. Paul. de Educ. Fís. 14(1), 97-106, 2000.

- Palma A. Educação física, corpo e saúde - uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. Rev. Bras. Ciên. do Esp. 22(2): 23-9, 2001.

- Personne J. Nenhuma Medalha Vale a Saúde de uma Criança. Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 2001.

- Revista Olimpíadas. Os doze trabalhos de Hércules - ginástica, confiança em si e em Deus. 22-28, 2004.

- Revista Pesquisa FAPESP. A era da superação. 14-7, 2004.

- Rosemberg F. O discurso sobre criança de rua na década de 80. Cad. de Pesq. 87: 71-81, 1993.

- Santos SR. Capoeira para crianças com Necessidades Educativas Especiais - Um estudo de caso – Campinas. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdades de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

- Shlegel R. A dor da vitória ou a vitória da dor. Rev. Pesq. FAPESP. 24-9, 2004.

- Silva FL da. O trabalho infante-juvenil na sociedade capitalista. Educar em Revista, n.15, 2000. Disponível em: http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_15/lopes_da_silva.pdf . [2010 mai. 12].

- Thompson JB. O Escândalo Político - Poder e Visibilidade na Era da Mídia. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.
- Weineck J. Biologia do Esporte. São Paulo: Ed. Manole, 2000.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Working for health: an introduction to the World Health Organization. Disponível em: http://www.who.int/about/brochure_en.pdf. [2007 dez.14].